

CONRADO SCHLOCHAUER

PhD em Psicologia da Aprendizagem, especialista em educação corporativa e fundador da növi – a lifewide learning company

lifelong learners

o poder do aprendizado contínuo

Aprenda a aprender e
mantenha-se relevante em um
mundo repleto de mudanças



10ª edição

Gente
editora

CONRADO SCHLOCHAUER

lifelong learners

o poder do
aprendizado
contínuo

Aprenda a aprender e
mantenha-se relevante em um
mundo repleto de mudanças

Gente
editora

Diretora	Rosely Boschini
Gerente Editorial	Rosângela Barbosa
Assistentes Editoriais	Rafaella Carrilho e Bernardo Machado
Produção Gráfica	Fábio Esteves
Preparação	Laura Folgueira
Capa	Katherine De Franco e Rafael Nicolaevsky
Projeto gráfico e diagramação	Vanessa Lima
Revisão técnica	Nira Bessler
Revisão	Amanda Oliveira e Renato Ritto
Impressão	Edições Loyola

Copyright © 2021
by Conrado Schlochauer
Todos os direitos desta edição
são reservados à Editora Gente.
R. Dep. Lacerda Franco, 300 -
Pinheiros
São Paulo, SP - CEP 05418-000
Telefone: (11) 3670-2500
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Schlochauer, Conrado

Lifelong learners: o poder do aprendizado contínuo : aprenda a aprender e mantenha-se relevante em um mundo repleto de mudanças / Conrado Schlochauer. – São Paulo: Editora Gente, 2021.

256 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5544-110-9

1. I. Título

21-1301

CDD 650.14

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento profissional

NOTA DA PUBLISHER

O *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis* define o autodidata como “aquele que instrui por si mesmo, sem professores”. Sem dúvida, professores e instrutores em geral têm um papel de extrema importância na nossa formação. No entanto, igualmente fundamental é que possamos e saibamos aprender por conta própria.

Quando o assunto é aprender, autonomia é a palavra-chave, sobretudo considerando modelos educacionais e um mercado de trabalho que muitas vezes limitam a curiosidade e a liberdade dos indivíduos.

Em uma era com tantos conteúdos e materiais à disposição, é imprescindível que estruturemos um caminho autônomo de aprendizagem. E, para além disso, precisamos também fazer uma verdadeira “curadoria” em um oceano de possibilidades que se abrem diante de nós, não só para fins profissionais como também para desfrute pessoal.

Lifelong learners – o poder do aprendizado contínuo é um atestado de que todos podemos aprender sempre, não importam a idade, a profissão ou os objetivos de vida. A capacidade de aprendizado habita em todos nós.

Adotar essa postura e seguir aprendendo por toda a vida é ser *lifelong learner*. E, para Conrado Schlochauer, todos podemos ser *lifelong learners*, usando a autonomia como base para seguirmos sendo aprendizes sempre. Doutor em psicologia da aprendizagem pela Universidade de São Paulo (USP), Conrado é um genuíno ativista do movimento que defende. Resgate o prazer por aprender e transforme sua vida. Boa leitura!

ROSELY BOSCHINI – CEO e publisher da Editora Gente



DEDICATÓRIA

**Para Dani, que constrói junto
comigo, a cada dia, uma vida
cheia de aprendizados e amor.**

**Para meu pai, Hans Schlochauer, que nos
deixou durante a redação deste livro,
depois de 94 anos desfrutados com
muito aprendizado ao longo da vida.**



AGRADECIMENTOS

Escrever um livro sempre é uma jornada de aprendizado das mais desafiadoras.

EMESMO que você saiba o que quer escrever e tenha conhecimento para tal, ao iniciar a escrita, as coisas mudam. Surge uma necessidade enorme de se aprofundar um pouco mais e, a cada pesquisa, novos ângulos provocam e seduzem o autor.

Há ainda a vontade de fazer um texto que seja um elemento maior de conexão do leitor com o conteúdo e com as ideias que estão aqui.

Portanto, é um projeto desgastante que só ocorre porque existe uma rede de segurança e apoio que garante um mínimo de lucidez e equilíbrio.

Meu primeiro e maior agradecimento é para minha esposa Daniela. Sei que não foi fácil conviver com a escrita do livro ao longo de um ano tão difícil como o que vivemos durante a pandemia em 2020. Mais do que tranquilidade e compreensão, pude ter uma parceira dia e noite para discutir ideias e caminhos.

Meus filhos Olivia, Alice e João são as pessoas que mais queriam que o livro acabasse logo. Foi muito bonito ver o respeito que eles tinham pelos meus períodos isolados depois do jantar, de madrugada ou de manhã cedinho. Contudo, sei que eles sentiram falta da minha presença. **9**

Nos últimos dois meses da redação havia uma pergunta diária de algum deles: “Falta muito para acabar seu livro?”.

Minha mãe, Regina Schlochauer, é uma máquina de aprender desde que me entendo por gente. Uma boa parte da minha curiosidade incessante por assuntos diversos veio da carga genética dela, sem dúvida. Agradeço também à minha irmã Mônica, que sempre me mostra, com sua superação, a importância da vontade de aprender a vida toda.

E, para terminar a sessão familiar, Moema, minha outra irmã, que discutiu conceitos e clareza do livro comigo e sempre me ajudou em algumas missões impossíveis na tradução de textos acadêmicos.

Tenho tido, ao longo da minha vida, um mentor que atua neste papel e nem sabe disso. Obrigado, Coaraci Nogueira do Vale, por estar sempre presente.

Ao longo de todo o período, fui acompanhado por um time de sparrings. Foram pessoas muito especiais que toparam ler pedaços do livro e utilizarem da sua sinceridade e de seu conhecimento para torná-lo cada vez melhor.

Esse time contou com Mariana Jatahy, minha parceira na criação da nôvi, sempre com críticas precisas. Junto com ela, Marcelle Xavier e Marina Galvão me ajudaram mais do que sabem, com conversas e inspirações presentes aqui no texto.

Alex Bretas é meu parceiro-irmão, que compartilha comigo o sonho de um mundo em que a aprendizagem ocupa um lugar mais democrático. Muitas das ideias que estão presentes aqui surgiram de nossas conversas e experimentações conjuntas.

Jorge Leite e Onicio Leal, que não se conhecem, tiveram uma participação muito importante em criar uma situação de desespero no meio da redação. Depois de lerem alguns capítulos, eles fizeram um pedido parecido: “Quero ver mais você no meio do texto”. Essa frase gerou umas cinquenta horas a mais de reescrita. Mas estou feliz por ter sido provocado a deixar o texto mais leve e atraente.

Leonardo Carraretto me ajudou muito no processo de pensar o livro como produto, sempre me provocando a imaginar novas formas de aumentar ainda mais seu impacto.

Não posso deixar de agradecer ao Alexandre Santille, que foi meu sócio ao longo de três décadas e vivenciou muitas das histórias que conto aqui.

Lucas Machado, Kleber Komká e Mestre Caliquinho, que prazer e que honra poder conversar com vocês e conhecer de verdade o que é aprender com paixão ao longo de toda a vida. Thomaz Malan, obrigado por ter me conectado com esse mundo tão maravilhoso.

Meu amigo Marcio Ballas me ensinou o olhar do palhaço e mudou para sempre minha forma de ver o mundo.

Nira Bessler fez muito mais do que uma revisão técnica. Ela foi meu alter ego criativo, apontando onde eu poderia ser mais claro, preciso ou divertido.

Finalmente, Rosângela Barbosa e Rosely Boschini, que loucura pensar que tudo isso nasceu de uma conversa em que iríamos falar da tradução de livros de outros autores. Rosângela, sua dedicação e seu estímulo foram fundamentais ao longo de todo o caminho. À Rosely, meu agradecimento em especial a uma pergunta simples: “E quando você vai lançar o seu próprio livro?”. Está aqui, graças a vocês.

SUMÁRIO

- 14 PREFÁCIO**
- 18 INTRODUÇÃO**
- 24 PARTE 1 – PORQUÊ**
- 27 CAPÍTULO 1 – A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA**
- 29 O início de tudo
- 33 A virada do século
- 35 CAPÍTULO 2 – AS DUAS REVOLUÇÕES**
- 35 A Quarta Revolução Industrial
- 38 E a aprendizagem neste contexto?
- 40 O futuro do trabalho já começou
- 43 O papel das nações
- 45 A resposta das empresas
- 48 A nova revolução do conhecimento
- 52 CAPÍTULO 3 – APRENDER SEMPRE É POSSÍVEL**
- 53 Sistema de defesa
- 55 Paixão pelo futuro
- 58 Quantos anos você tem?
- 60 Qual a sua geração?
- 63 A premissa errada
- 69 CAPÍTULO 4 – INVERTENDO OS SINAIS**
- 69 O que não é aprender?
- 75 Novos caminhos à frente
- 79 CAPÍTULO 5 – AFINAL, O QUE É APRENDIZAGEM?**
- 79 O que é aprender?
- 83 A explicitação do conhecimento
- 88 CAPÍTULO 6 – UM NOVO CAMINHO**
- 92 *Homo discens* ou sua autoimagem de aprendiz
- 96 A construção das jornadas de aprendizagem
- 102 PARTE 2 – COMO**
- 105 CAPÍTULO 7 – O APRENDIZ ADULTO**
- 108 Andragogia: como os adultos aprendem?

117	CAPÍTULO 8 – A AUTODIREÇÃO DO APRENDIZADO
120	A descoberta do óbvio
125	Afinal, o que é aprendizagem autodirigida?
127	Aprender é uma fonte de motivação
132	CAPÍTULO 9 – APRENDIZADO INFORMAL
135	O que é aprendizado informal
138	Samba ao longo da vida em três histórias
143	Informal e fundamental
147	CAPÍTULO 10 – A PRIMEIRA ESCOLHA
150	Pequeno exercício para chacoalhar sua cabeça (e seu coração)
159	CAPÍTULO 11 – CONTEÚDO
162	A busca: curadoria e organização
168	Consumo consciente
170	Leitura
175	Áudio, vídeo e outras tecnologias
178	Processamento
183	CAPÍTULO 12 – EXPERIÊNCIA
185	Experiências são o palco do aprendizado
189	Transferência da aprendizagem
192	Um mundo de oportunidades
195	Tempo para pensar
198	CAPÍTULO 13 – PESSOAS E REDES
202	Um a um
206	Aprender junto: o poder das redes
211	CAPÍTULO 14 – APRENDIZADO EM AÇÃO
214	O planejamento da aprendizagem
221	As evidências de aprendizado
224	Colocando tudo junto
228	AGORA É A SUA VEZ
232	MANIFESTO LIFEWIDE
234	ANEXO
237	NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

PREFÁCIO



leitura de alguns parágrafos me deu saudade de você.

— Melhor comentário ever...

Assim é a minha relação com o Conrado. Amigo-irmão, como gosto de chamá-lo. E não seria possível um outro começo para o prefácio deste livro que não falar sobre a nossa amizade.

O momento em que nos conhecemos, apenas uma das dezenas de histórias curiosas que você irá saborear nas páginas a seguir, foi marcado por uma aproximação intelectual. Nossa interesse comum – ou melhor, nossa paixão – pela aprendizagem autodirigida e ao longo da vida foi responsável por esse encaixe inicial.

Muitos projetos e parcerias depois, o que define nossa relação hoje são trocas de mensagens como a que inicia este texto. Por Conrado, sinto um amor de irmão, daqueles que, mesmo com eventuais discordâncias, fala mais alto no final.

É desse lugar, privilegiado por tê-lo como amigo, que escrevo estas linhas. É desse lugar que sou capaz de admirar profundamente a sua escrita, tecnicamente consistente e humana ao mesmo tempo. É desse lugar que imagino o tamanho do impacto que esta obra terá sobre você, que talvez já

tenha ouvido a expressão *lifelong learning* por aí, mas que nunca entendeu muito bem como praticá-la. Até agora.

Finalmente, o *Lifelong learners – o poder do aprendizado contínuo* é um guia prático à altura de sua importância conceitual. E isso não é pouco, considerando as muitas décadas nas quais o assunto vem sendo tratado, ainda sem uma implementação efetiva.

Ainda assim, se eu considerasse este livro apenas como um guia prático, isso seria reduzi-lo inadvertidamente. Além de oferecer um caminho concreto para qualquer um viver na pele a aprendizagem contínua e autodirigida, Conrado também resgata e contextualiza a importância de se fazer isso.

Nesse esforço de contextualização, é interessante perceber a facilidade com que ele transita entre ideias aparentemente tão díspares quanto a Quarta Revolução Industrial e o jeito de aprender de Van Gogh. Conhecendo Conrado, deduzo que isso tem tudo a ver com a forma com sua mente funciona: brilhantemente anárquica.

Na parte metodológica, este livro entrega um aprofundamento em relação a abordagens que eu e ele temos utilizado já há algum tempo. É o caso, por exemplo, do CEP+R – Conteúdos, Experiências, Pessoas e Redes –, sigla que criamos juntos para sintetizar os diferentes “lugares” para os quais podemos ir para construir conhecimento.

Contudo, para mim, a grande preciosidade aqui são as histórias. É bonito ver como Conrado humaniza os autores que cita por meio da explicitação de algumas de suas histórias de vida. Isso dá um outro colorido para a leitura e nos põe a imaginar: *se esses seres grandiosos viveram e sentiram algumas das coisas que eu também vivo e sinto, então eu também posso fazer algo grandioso.*

Os momentos em que Conrado conta sobre si, sobre sua família e sobre seus próprios desafios e experimentos ao aprender são a cereja do bolo desta obra. Sempre admirei as pessoas capazes de “se despir perante a multidão”, pois isso, em última instância, é o que nos conecta com o outro.

Acima de tudo, a leitura que você viverá a seguir é um convite para

16 embarcar em um percurso. Ao tomar consciência do poder do aprendizado

contínuo e começar a aplicá-lo intencionalmente, você descobrirá que “aprender é nos dar uma segunda chance”. É a chance de sermos autores de nossas próprias vidas – e, quem sabe, de realizar algumas coisas grandiosas pelo caminho.

ALEX BRETAS

**Palestrante e especialista em *lifelong learning*
e aprendizagem autodirigida**



ão consigo pensar minha vida sem aprendizado.

Meus filhos tiram sarro de mim. Dizem que a cada cinco palavras que falo, quatro são aprendizado ou aprendizagem.

Eles exageram, mas é fato que não consigo me lembrar de um momento na vida em que o aprender não estivesse em um lugar de destaque.

Nas duas primeiras décadas, como a maioria das pessoas, passei a maior parte do tempo acordado na escola ou em atividades relacionadas a ela. O pouco tempo livre era dividido entre brincar e aprender mais um pouco nas aulas de música, esporte ou idiomas.

Ainda antes de terminar o colegial comecei a dar aulas particulares de matemática, química e física.

No primeiro ano da faculdade, comecei a realizar alguns seminários com mais dois colegas que se tornaram sócios na empresa que fundamos assim que nos formamos, a LAB SSJ.

A empresa evoluiu, se fundiu e cresceu. Até 2018, ano em que vendi minha participação na Afferolab, tive o privilégio de acompanhar centenas de milhares de aprendizes adultos se desenvolvendo de todas as formas e meios possíveis.

Quanto mais experiência eu adquiria, mais aumentava minha inquietação. Foi ficando claro que as iniciativas de aprendizagem que eu ajudava a organizar dentro de grandes empresas tinham impacto, mas não o suficiente. Esse incômodo sempre foi – e ainda é – a grande alavanca da minha própria busca de aprendizado contínuo.

Em tempo algum parei de buscar mais conhecimento sobre esse assunto. Quando me encontrei com a andragogia – a arte e a ciência de ajudar adultos a aprenderem – fiz questão de traduzir para português o principal livro sobre o tema. Contudo, foi nos anos 2010 que comecei a ver alternativas para o meu desconforto.

Em 2012, concluí o doutorado em Psicologia da Aprendizagem na Universidade de São Paulo (USP), apresentando uma tese sobre autodireção do aprendizado em ambientes informais. Só depois me dei conta de que o tema de minha pesquisa era exatamente o contrário de tudo o que eu havia feito na vida até então: aprender sem professores ou facilitadores e sem sala de aula.

Por sorte ou sincronicidade, terminei a pesquisa no momento de mundo em que, finalmente, o aprendizado ao longo da vida – um desenho idealizado em 1970 – começou a ter condições para se tornar realidade com mudanças aceleradas e a existência de uma rede de pessoas e conhecimentos cada vez maior e mais conectada.

As pesquisas acadêmicas se misturaram com as décadas de experiência. Como resultado, passei a ser ativista de um modelo que reconhece a importância da autonomia como base para o desenvolvimento de aprendizes ao longo da vida, ou *lifelong learners*.

O caminho, na minha visão, é criar condições para que adultos se percebam capazes de aprender de maneira autodirigida. Afinal, depois de muitos anos nos acostumando a um modelo educacional que restringe a liberdade e a curiosidade de alunos e alunas, somos jogados em um mercado de trabalho que copia o formato com treinamentos obrigatórios, cursos e universidades corporativas.

Compreendi que, para promover as mudanças na qual acredito tão pro-

20 fundamente, precisava impactar empresas e pessoas.

Comecei pelas organizações. No início de 2020 cofundei a nōvi, uma consultoria de treinamento que não faz treinamentos, mas ajuda empresas a repensarem sua cultura de aprendizagem.

Este livro é minha forma de convidar as pessoas para esse movimento. Não foi fácil escrever durante a pandemia de covid-19. Achar tempo e cabeça para colocar ideias organizadas e interessantes no papel pareceu, por muitas vezes, uma tarefa grande demais.

Ao mesmo tempo, acho que talvez este seja o melhor momento. O novo mundo que vem se estruturando aos nossos olhos tem tirado qualquer dúvida sobre a necessidade de aprendermos a vida toda.

Procurei colocar histórias, fatos, pesquisas e métodos para que o livro seja gostoso de ler e para que nenhum leitor saia com a dúvida de que também é um *lifelong learner*.

O QUE VEM PELA FREnte

Este livro está organizado em duas partes:

A Parte I é dedicada ao mundo de hoje. Apresento aqui por que “aprender ao longo da vida” é um tema importante para você, sua empresa e a sociedade como um todo. Qual é a diferença desse conceito para o formato educacional que conhecemos?

A aprendizagem ao longo da vida – também conhecida pelo termo em inglês, *lifelong learning* –, é um tema que vem sendo discutido há pelo menos quarenta anos. Grandes nomes, como Bill Gates, valem-se dela para permanecer em constante desenvolvimento.

No entanto, nos últimos anos, esse conceito ganhou uma nova dimensão. Por quê? Um dos motivos é o contexto da Quarta Revolução Industrial. Certamente, há um desafio relacionado ao futuro do trabalho impactando diretamente o mundo corporativo.

Mas suas implicações vão além da questão do trabalho e passam pela nossa vivência como indivíduos. Precisaremos repensar o aprendizado para

interagir melhor com um mundo em constante mudança social e cultural, inclusive pensando nas tendências de longevidade e de novas descobertas e possibilidades neurológicas e comportamentais.

Estes são, em grandes linhas, os temas dos primeiros três capítulos deste livro, uma ampla contextualização da aprendizagem ao longo da vida. A primeira parte do livro se encerra com um convite para uma mudança no olhar sobre a aprendizagem, refletindo sobre o que não é aprendizagem (Capítulo 4) e seguindo para uma nova visão e definição sobre o que ela é (Capítulo 5). No último capítulo da primeira parte, apresento uma visão geral do método que proponho para a inclusão do aprendizado ao longo da vida no cotidiano.

A Parte II é bastante prática. Dentro do contexto que se apresenta, propõe caminhos para a ação. Existem percursos para conduzirmos nossa própria jornada de aprendizagem, e o primeiro passo para isso é mudar a autoimagem que temos de aprendiz.

Nós, adultos, somos diferentes de crianças e, portanto, não podemos utilizar a mesma lógica educacional para aprender, sendo a autonomia uma característica fundamental para a nossa motivação. Por isso, a autodireção tem um papel importante no sucesso de nossos projetos de aprendizagem. Nesse cenário, o ambiente informal ainda é subvalorizado, mas pode e deve ser incorporado em nossos caminhos e escolhas.

Os Capítulos 7 a 9 são dedicados a contextualizar e apoiar sua jornada de aprendizagem, levando em conta estas três características: você é um aprendiz adulto, autodirigido e apto a aprender em todo lugar.

Ao longo de tantos anos de dedicação à aprendizagem de adultos, estruturei um método que uso pessoalmente e que já foi aprovado por milhares de pessoas. Não é preciso ser um Bill Gates para ser aprendiz ao longo da vida. O que precisamos é de uma boa estratégia e boas práticas.

Definir o que queremos desenvolver é o primeiro passo (Capítulo 10). A partir dessa escolha, muitos de nós partiríamos para um processo de aprendizagem baseado exclusivamente na aquisição de **conteúdo** por livro, vídeo ou áudios. Essas fontes realmente são muito importantes e temos diversas dicas sobre elas no Capítulo 11. Contudo, existem outras que são essenciais para um

aprendizado mais prático e efetivo: as **experiências** (Capítulo 12), e as **pessoas e redes** (Capítulo 13). Uso uma sigla para me referir a estas fontes: **CEP+R**.

Depois, precisamos cuidar do nosso processo e estar atentos para não cair no piloto automático, seguindo os mesmos caminhos de sempre. Para isso, há duas etapas importantes, às quais dedico o Capítulo 14: o planejamento da aprendizagem e a busca de evidências.

A descrição dos capítulos acima tem um objetivo maior do que contar a narrativa do livro. Desde já, quero incentivar a sua autonomia e a sua capacidade de escolher o que aprender. Aqui está a minha ideia de uma sequência estruturada para discutir a aprendizagem ao longo da vida. Contudo, sinta-se livre para determinar a sequência, capítulos e assuntos que fizerem mais sentido para você.

Acima de tudo, espero que você se divirta lendo este livro. Retomar o prazer em aprender pode ser um primeiro e importante passo para o aprendizado ao longo da vida.

Boa leitura.

**Você pode continuar a experiência
de leitura no site do livro!**

**Acesse www.lifelonglearners.cc ou aponte a
câmera de seu celular para o QR Code ao lado.**

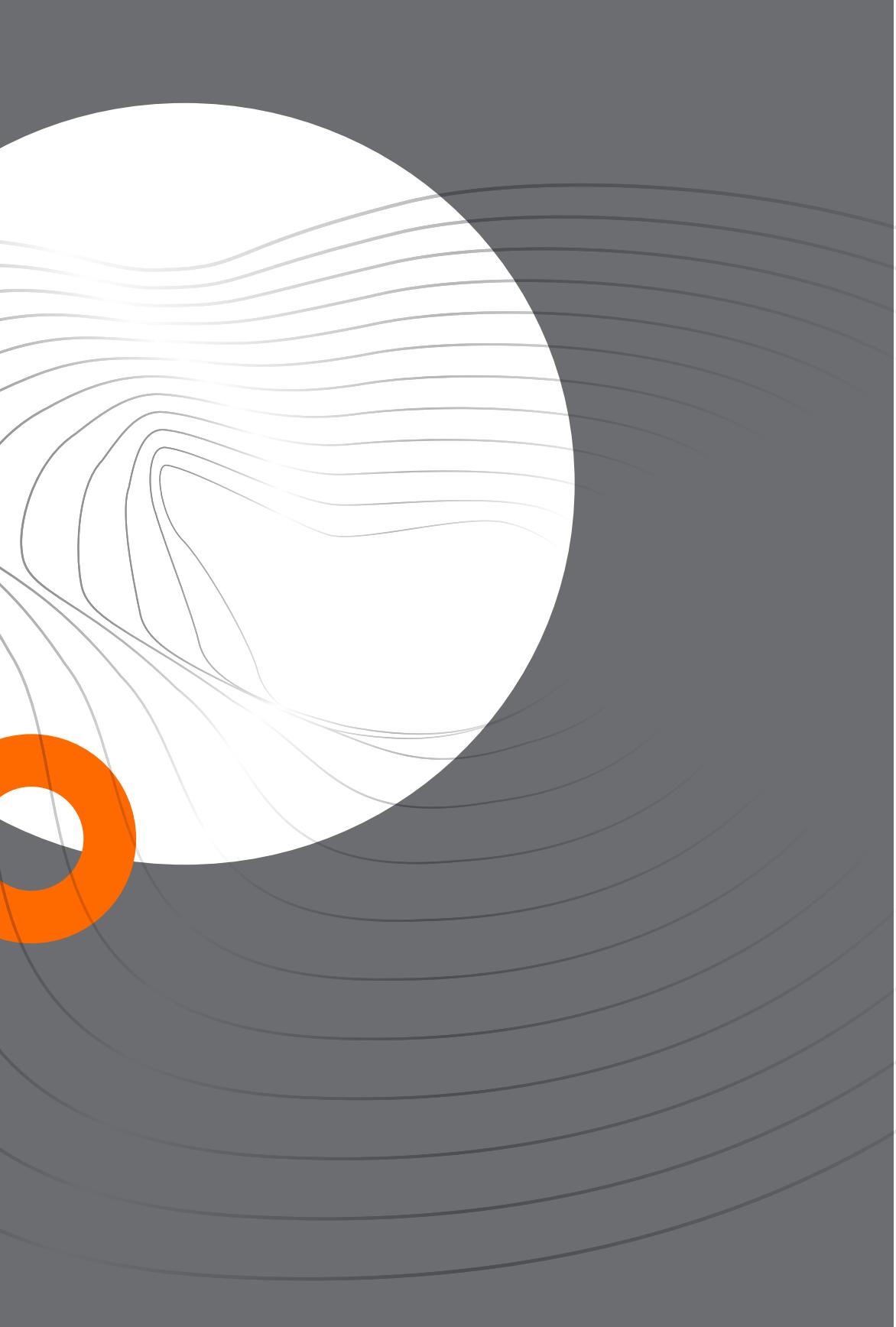


PARTE

1

PORQUÊ

C



CAPÍTULO 1

A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA



cada semestre, para tudo durante uma semana e se refugia em sua casa na beira de um lago. Leva consigo uma pilha de livros, artigos e projetos com temas bem definidos, todos relacionados a problemas globais que gostaria de ajudar a resolver.

Uma semana inteira sozinho para ler, refletir, escrever e aprender.

Essa prática começou nos anos 1980, quando se escondia na casa da avó com o mesmo objetivo. Ele transformou essa prática em uma atividade coletiva em sua empresa: durante as Think Weeks, cinqüenta executivos sêniores avaliavam artigos científicos e ideias enviadas pelos colaboradores.

Bill Gates, fundador da Microsoft e uma das pessoas mais ricas do mundo, é um *lifelong learner*, um aprendiz ao longo da vida.

Na série documental *O código Bill Gates*, o produtor Davis Guggenheim se mostra impressionado com como o aprendizado faz parte da vida do criador do Windows. No início do segundo episódio, David comenta: “À medida que comecei a conhecer Bill nesta nova fase, fiquei com a impressão de que ele transformou a própria vida em uma longa e contínua Think Week”.

Mas Bill Gates não se tornou apaixonado por aprendizado apenas depois que fundou a Microsoft. Conhecendo um pouco de sua história, é possível perceber que esse papel foi desenvolvido e cultivado desde muito cedo. É claro que o fato de ele ter uma capacidade intelectual acima da média ajuda muito. Mas a inteligência sozinha nunca é suficiente.

No seu blog pessoal, Gates Notes, ele relata, em diversas passagens, como sua vida esteve repleta de pessoas que o incentivaram e colocaram o aprendizado em um local de destaque e prazer. O ponto de partida do conceito de aprender e estudar para a maioria de nós é a escola. Para Bill Gates, essa experiência foi extremamente positiva: “Crescendo, tive a sorte de ter professores que incentivavam seus alunos a explorar áreas de aprendizagem que os interessavam. Ter liberdade para experimentar as coisas me permitiu desenvolver uma paixão pela computação [...]. Ter a sorte de ter ótimos professores também alimentou o amor pelo aprendizado que permaneceu comigo desde então”.¹

A continuação de sua vida acadêmica foi menos tradicional. Em 1973, aos 18 anos, ele entrou na Universidade Harvard, mas não concluiu o curso. Não queria perder a revolução tecnológica que se iniciava.

Prometeu a seus pais que voltaria, o que nunca aconteceu. Numa entrevista à Bloomberg, em 2016, ele disse que era uma pena não ter ficado em Harvard, mas que acreditava não ter perdido muito porque “estava sempre no modo aprendizado” e, mais para a frente, complementa: “É estranho eu ter abandonado a faculdade, porque faço cursos em universidades o tempo todo. Eu amo ser estudante”.²

Seus pais, Bill Sênior e Mary, também influenciaram o olhar do filho com uma abordagem mais informal. Mary teve um papel muito importante em dois aspectos fundamentais da vida de Bill: a filantropia e a própria Microsoft. Na adolescência do filho, sempre lhe perguntava quanto da mesada ele estava separando para caridade. No início da empresa, atuou como mentora dele em decisões de negócio.

Outra figura importante na vida de Bill foi o grande amigo Warren Buffett, um dos maiores investidores do mundo. Eles se conheceram há trinta anos e se tornaram “mentores mútuos”, segundo os próprios. Mais do que uma influência, Buffet foi uma parceria muito importante: “Warren nos ajudou a fazer duas coisas impossíveis de se exagerar na vida: aprender mais e rir mais”.³

Essa é a história de um verdadeiro aprendiz. E ela ocorre dessa forma, mesmo: ao longo da vida. O resultado é uma pessoa extremamente conectada, influente e plena.

Bill Gates teve a sorte de ter tantos elementos combinados ao mesmo tempo: capacidade intelectual, uma escola estimulante, apoio da família e amigos, além de sucesso financeiro incomparável. Claro que isso ajudou e ajuda muito. Contudo, o que mais me chama a atenção é sua curiosidade infinita pelos grandes problemas do mundo somada à crença que tem na própria capacidade de contribuir com eles.

Este livro não é para poucos escolhidos pela genética ou pelo sucesso empresarial. Ao contrário. Minha experiência com centenas de milhares de alunos não deixa qualquer dúvida de que o aprendizado ao longo da vida pode ser uma realidade para cada pessoa deste planeta. Mais do que isso, **acredito intensamente que quanto mais aprendizes autônomos, confiantes e apaixonados conseguirmos formar, menores serão os problemas do mundo.**

Talvez você tenha começado a ouvir falar desse tema agora. Ele está em destaque porque chegamos a um momento do mundo em que o aprendizado ao longo da vida tem todos os elementos necessários para se disseminar: necessidade, apoio tecnológico e vontade por parte das pessoas.

Seu apogeu está acontecendo agora, mas se trata de um movimento que começou em meados do século passado. Não foram a transformação digital nem a quarta revolução industrial que dispararam uma busca pelo aprendizado contínuo. Já há quase cinquenta anos a sociedade – por meio de entidades como a Organização das Nações Unidas (ONU) ou a Comunidade Europeia – percebeu que **há um risco muito grande na concepção de que aprender é uma atividade restrita ao começo da vida.**

O INÍCIO DE TUDO

O ano é 1945. Você lutou na Segunda Guerra Mundial e está voltando para casa. Há uma mistura de trauma e excitação. Acima de tudo, porém, há um grande questionamento: *como retomar minha vida?*

Essa foi a situação de mais de 16 milhões de soldados norte-americanos. Com uma idade média de 26 anos, apenas 40% desse grupo tinha concluído o ensino médio no momento da convocação⁴ para a guerra.

Um ano antes, Franklin Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos, publicou uma lei denominada G.I. Bill of Rights,⁵ que oferecia incentivos financeiros para que ex-combatentes continuassem seus estudos. Os políticos norte-americanos anteviam um potencial crescimento econômico pós-guerra aliado à necessidade de requalificação para o trabalho.

Como resultado, em 1947, quase metade das matrículas em cursos superiores foram realizadas por veteranos. Isso trouxe uma mudança radical para escolas e universidades, cujos professores foram expostos a situações pedagógicas com as quais não estavam habituados.

O retorno dos combatentes levou para a sala de aula estudantes com perfil diverso do tradicional. Eles tinham a necessidade premente de se atualizar com as inovações tecnológicas desenvolvidas durante os períodos de guerra. Alunos-soldados, que haviam passado por um hiato educacional em virtude do serviço militar, retornavam com experiência, idade e condição familiar diferentes das de muitos de seus colegas.

Por isso, pode-se dizer que as décadas após a Segunda Guerra Mundial, sobretudo no final dos anos 1960, foram um período de muitos debates e reflexões que impactaram diretamente o surgimento do conceito de aprendizagem ao longo da vida.*

Até esse momento, a escola era vista como uma etapa preparatória que seria seguida por um período longo de trabalho e um breve momento de descanso ao final da vida. Nessa concepção, o retorno aos estudos na idade adulta significaria o reconhecimento de uma falha no processo inicial. Por isso, a importância do momento pós-guerra: foi a primeira vez que a educação ofereceu o que podemos chamar de uma segunda oportunidade a alunos adultos.

O conceito de aprendizagem ao longo da vida propriamente dito desenvolveu-se um pouco mais à frente, incubado nos ideais democráticos e libertários

das revoluções estudantis de 1968. Ao redor dessa época, três organismos internacionais – Conselho da Europa, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – lançaram as bases para a construção de uma visão que se transformaria em um novo paradigma na educação mundial.

O interesse por um tipo mais abrangente de educação e aprendizagem trazia motivos sociais e econômicos. Por um lado, pesquisas⁶ questionavam a efetividade do sistema de educação tradicional, sugerindo que não promoveria igualdade de oportunidades, melhoria de desempenho futuro ou mesmo conhecimento sobre práticas para o aprendizado contínuo, como foi possível verificar.

Iniciava-se, por outro lado, um debate sobre a presença e o papel do Estado como provedor monopolista da educação. A escola passava a ser vista por muitos como instrumento de dominação com o objetivo de ensinar respeito às leis, disciplina e virtude de “bons cidadãos” e, assim, formar mão de obra dócil, de fácil controle.

Um exemplo do ambiente questionador vivido na época é a obra *Sociedade sem escolas*,⁷ de Ivan Illich, publicada em 1970. O autor propõe uma visão radical ao concluir a criação de uma sociedade sem escolas obrigatórias. Nela, as pessoas aprenderiam o que e com quem desejassem, para evitar situações em que “alunos matriculados se submetem a professores diplomados para obter também eles diplomas; ambos são frustrados e ambos responsabilizam a insuficiência de recursos – dinheiro, tempo e instalações – por sua frustração mútua”.⁸

Países-membros de organismos multinacionais demandavam novas ideias e visões para organizar e implementar um processo estruturado de educação de adultos. O Conselho da Europa propôs, nos anos 1960, o conceito de *educação permanente*. De acordo com o livro⁹ de mesmo nome lançado à época, tratava-se de um conceito fundamentalmente novo e abrangente que criaria um novo padrão educacional capaz de auxiliar as necessidades diversas e específicas de jovens e adultos rumo à construção de uma nova sociedade europeia.

No início dos anos 1970, a Unesco lançou duas publicações também consideradas marcos: *An Introduction to Lifelong Learning*¹⁰ e *Learning to Be.*¹¹ **31**

Ambas abordam o assunto tanto do ponto de vista da educação libertadora e democrática, inspirada nas ideias de Paulo Freire, quanto do ponto de vista econômico e vocacional.

O modelo educacional proposto trazia o desejo (e o objetivo institucional) da busca pela paz, na medida em que havia o intuito de criar, por meio da formação de adultos-cidadãos, um ambiente de compreensão global que impedissem a volta do nacionalismo dividindo as nações. Faure, em seu relatório citado acima, apresentou a *educação ao longo da vida* como caminho a ser seguido nas políticas educacionais, tanto em países desenvolvidos como em países subdesenvolvidos. Entre os direcionadores de seu argumento, o principal era simples e direto: todo indivíduo adulto deveria ter a possibilidade de aprender por toda a vida. Para isso, foi proposta uma série de mudanças no pensamento e na prática educacional. De acordo com o texto, a escola deveria adaptar-se ao aluno, e não o contrário. Além disso, todos os alunos jovens e adultos deveriam “poder exercer responsabilidades como sujeitos não só da própria educação, mas de toda atividade educativa”.

Por sua vez, a OCDE lançou o manifesto *Recurrent Education: A Strategy of Lifelong Learning*.¹² Ao destacar a importância da promoção do aprendizado em ambientes formais e informais, o organismo propunha uma sociedade com oportunidades educativas ao longo de toda a vida na forma e no tempo que fossem necessários. O texto criticava a escola rica em informação e pobre em ação.

Embora o documento tenha sido considerado portador de uma visão com viés demasiadamente econômico da educação, a OCDE propunha, de fato, um conceito inédito: a alternância de educação e trabalho ao longo da vida. O objetivo seria unir necessidades e desejos individuais com os do mercado de trabalho.

Educação permanente, *educação para todos* e *educação recorrente* são conceitos que conviveram com *educação ao longo da vida* por diversos anos, sem uma distinção clara entre eles. Todos enfatizavam, do ponto de vista prático, as seguintes características:

- *Necessidade de pensar a educação e o aprendizado para além da infância e da adolescência;*

- Experiência de aprendizagem, contendo dois objetivos complementares: um vocacional (no sentido de aumentar a qualificação técnica) e outro social (no sentido de buscar o desenvolvimento da cidadania e da emancipação de cada um);
- Existência e necessidade de pensar a educação fora da escola, tanto em ambientes formais como em ambientes informais.

A VIRADA DO SÉCULO

Durante quase vinte e cinco anos, o conceito da aprendizagem ao longo da vida foi discutido e reconhecido por políticos e acadêmicos que continuaram o processo de questionamento da escola tradicional. Contudo, pode-se dizer que não houve aplicação, de modo consistente e abrangente, ainda que tal conceito fosse considerado uma solução ideal e completa para as demandas educacionais.

A Comunidade Europeia também entendia que o conceito proposto ainda não tinha se concretizado. O Parlamento Europeu estabeleceu que 1996 seria o Ano Europeu da Educação e da Formação ao Longo da Vida, e teria como missão cumprir os objetivos propostos para a educação e “sensibilizar os europeus para os choques fundamentais suscitados pela sociedade da informação, a mundialização, os progressos da civilização científica e técnica, e a resposta que a educação e a formação podem dar para responder a esse desafio”.¹³ Se o intuito era o de *sensibilizar*, fica claro que as ideias propostas nos anos 1970 ainda estavam longe de se materializar em políticas e iniciativas educacionais amplas.

Alguns anos depois, a Comissão das Comunidades Europeias elaborou o *Memorando sobre aprendizagem ao longo da vida*¹⁴ com a intenção de alinhar os conceitos discutidos até aquele momento. Ao mesmo tempo, conclamou seus Estados-membros a liderarem o debate e a implementação da visão proposta. Na introdução, o documento reconhece, de maneira “indiscutível”, a entrada na “Era do Conhecimento”, e revela que, portanto, a aprendizagem ao longo da vida deveria deixar de ser um componente da educação

e da formação para tornar-se um princípio orientador que deveria ter sua execução prática implementada ao longo da década.

Além disso, a Comissão apresenta uma nova expressão: a *aprendizagem em todos os domínios da vida* ou *lifewide learning*. Esse termo destaca a aprendizagem em quaisquer fases e dimensões da vida e enfatiza a complementaridade das abordagens formal, não formal e informal.

A discussão continuou ao longo da primeira década do século XXI. A Unesco, por exemplo, ancorou suas quatro principais conferências internacionais* ocorridas em 2008 e 2009 no conceito de aprendizagem ao longo da vida. Entretanto, os resultados práticos ainda não ocorreram.

Do ponto de vista de políticas públicas, as queixas foram direcionadas à ausência do tema nas discussões nacionais e internacionais; à desvinculação e a consequente inexistência de certificação do aprendizado informal e não formal; ao foco exagerado em capacitação profissional e vocacional e ao número reduzido de oportunidades de formação de educadores alinhados às propostas da entidade.

Em 2006, um dos principais órgãos globais dedicados ao tema mudou de nome: o famoso Unesco Institute of Education (UIE) passou a se chamar Unesco Institute of Lifelong Learning (UIL).** A mudança foi realizada com a intenção de reforçar o foco em educação fora da escola e não formal a partir da perspectiva da aprendizagem ao longo da vida.

A questão, porém, é que a aprendizagem ao longo da vida só começou a se tornar realidade nos últimos dez anos. Vamos entender por que no próximo capítulo.

* São elas: 48th International Conference on Education (novembro de 2008); International Conference on Education for Sustainable Development (março de 2009); International Conference on Higher Education (julho de 2009) e Sixth International Conference on Adult Education (CONFINTEA VI, dezembro de 2009).

** Em tradução literal, Instituto de Aprendizagem ao Longo da Vida da Unesco.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Você também pode consultar o link das notas bibliográficas pelo site do livro!

Acesse www.lifelonglearners.cc ou aponte a câmera de seu celular para o QR Code ao lado.



CAPÍTULO 1 – A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

- 1 GATESNOTES. Disponível em: <https://www.gatesnotes.com>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- 2 THE David Rubenstein Show: Bill Gates. 2016. Vídeo (25min04s). Bloomberg. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/videos/2016-10-17/the-david-rubenstein-show-bill-gates>. Acesso em: 11 abr. 2021. (Tradução minha.)
- 3 GATES, B. 25 years of learning and laughter. **GatesNotes**, 5 jul. 2016. Disponível em: <https://www.gatesnotes.com/About-Bill-Gates/25-Years-of-Learning-and-Laughter>. Acesso em: 11 abr. 2021. (Tradução minha.)
- 4 PREPARING for the Citizen Soldier's Return: the GI Bill of 1944. **The National WWII Museum**, 22 jul. 2017. Disponível em: <https://www.nationalww2museum.org/war/articles/preparing-citizen-soldiers-return-gi-bill-1944>. Acesso em: 2 abr. 2021.
- 5 HISTORY and Timeline. U.S. **Department of Veterans Affairs** [s.d.]. Disponível em: <https://www.benefits.va.gov/gibill/history.asp>. Acesso em: 2 abr. 2021.
- 6 KALLEN, D. Aprendizagem ao longo da vida em retrospectiva. **Revista Europeia de Formação Profissional**, v. 8, n. 9, p. 16–22, 1996.
- 7 ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- 8 Idem., p. 84.
- 9 CONSELHO DA EUROPA. **Permanent Education**. Estrasburgo: EU, 1970.
- 10 LEGRAND, P. **An Introduction to Lifelong Learning**. Paris: Unesco, 1970.
- 11 FAURE, E. **Learning to Be**. Paris: Unesco, 1972.

- 12 OCDE. **Recurrent Education**: A Strategy of Lifelong Learning. Paris: OCDE, 1973.
- 13 CRESSON, E. Para uma política de educação e de formação ao longo da vida. **Revista Europeia de Formação Profissional**, v. 8, n. 9, p. 9-12, 1996.
- 14 COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. **Memorando sobre aprendizagem ao longo da vida**. Bruxelas. Disponível em: <http://www.alv.gov.pt/dl/memopt.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.

CAPÍTULO 2 - AS DUAS REVOLUÇÕES

- 1 SCHWAB, K. The Fourth Industrial Revolution. **Foreign Affairs**, 12 dez. 2015. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2015-12-12/fourth-industrial-revolution>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- 2 SCHWAB, K. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Edipro, 2018.
- 3 FRIEDMAN, T. **Obrigado pelo atraso**: um guia otimista para sobreviver em um mundo cada vez mais veloz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- 4 SCHWAB, K. The Fourth Industrial Revolution: What It Is and How to Respond. **Foreign Affairs**, 5 dez. 2015. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2015-12-12/fourth-industrial-revolution>. Acesso em: 5 abr. 2021. (Tradução minha.)
- 5 PALMER, A. Lifelong Learning Is Becoming an Economic Imperative. **The Economist**, 14 jan. 2017. Disponível em: <https://www.economist.com/special-report/2017/01/12/lifelong-learning-is-becoming-an-economic-imperative>. Acesso em: 5 abr. 2021. (Tradução minha.)
- 6 THE International Review of Education – Journal of Lifelong Learning. **UNESCO Institute for Lifelong Learning** [s.d.]. Disponível em: <https://uil.unesco.org/journal-international-review-of-education>. Acesso em: 11 abr. 2021. (Tradução minha.)
- 7 DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Unesco/MEC/Cortez, 1999.
- 8 POZO, J. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 26.
- 9 BAJARIN, T. Smartphones' Role in Changing the World. **Forbes**, 9 jun. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/timbajarin/2020/06/09/>

aprender a aprender é a única habilidade capaz de transformar a sua vida.

A velocidade das mudanças no mundo não é mais uma novidade, mas ainda assusta. A única maneira de acompanhar a transformação do mundo é desenvolver o hábito de aprender sempre. Em teoria isso está mais fácil, afinal as novas tecnologias e redes sociais possibilitaram um acesso ilimitado a pessoas e conteúdos incríveis. Contudo, para muita gente, parece que aprender está cada vez mais difícil. Não conseguimos focar, acompanhar ou dedicar um tempo na nossa vida para o aprendizado – não conseguimos nem escolher o que e como aprender.

Em *Lifelong learners – o poder do aprendizado contínuo*, Conrado Schlochauer propõe que retomemos o controle de nosso processo de aprendizado, deixando de lado a velha ideia de que só aprendemos se formos ensinados por alguém. Esse caminho é o único capaz de dar conta da complexidade do mundo em que vivemos, pois permite manter-se relevante e atualizado em um contexto que pede requalificação constante.

Aqui você vai descobrir como:

- Reconstruir sua autoimagem de aprendiz;
- Estruturar projetos de aprendizagem;
- Fazer a curadoria do que aprender;
- Identificar as fontes de aprendizado, com o método CEP+R (conteúdo, experiência, pessoas + rede);
- Incluir uma rotina de aprendizado integrada ao cotidiano;
- Identificar o que já foi aprendido;
- Compartilhar o seu aprendizado.

Visite-nos:

 [EditoraGente](#)

 [editoragente](#)

 [editoragente](#)

www.editoragente.com.br

Desenvolvimento profissional
Carreira

ISBN 978-65-5544-110-9



9 786555 441109